



Clippindústria

Data: 21/11/2005
Fonte: Gazeta Mercantil
Local: São Paulo - SP
Seção: Artigo
Título: Luiz Gonzaga Bertelli - Renda com empregabilidade
Página: C8

Renda com empregabilidade

O trabalho foi exaustivo, mas agora, graças a uma pesquisa recém-divulgada pelo Centro de Pesquisas Sociais (CPS) da Fundação Getúlio Vargas/RJ, os jovens já contam com informações seguras sobre possibilidades de renda futura e de oportunidade de emprego de 72 profissões. Batizado de Ranking de Retornos da Educação, o estudo é rigoroso e tem como base a amostra do censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2000.

Em outras palavras, isso significa que especialistas analisaram a relação entre escolaridade, empregabilidade e renda de 10% dos brasileiros, ou seja, de 18 milhões de pessoas, todas acima de 15 anos - um universo muito maior, por exemplo, do que as pesquisas eleitorais, que ouvem apenas alguns milhares de entrevistados.

No topo do ranking, aparece o médico com mestrado ou doutorado (no sentido acadêmico), seguido por seu colega com diploma de graduação. As nove posições subsequentes são ocupadas por pós-graduados, com exceção do graduado em odontologia (9º lugar), com uma surpresa no 11º posto, ocupado pela graduação em letras e artes. Essa classificação decorre da combinação de dois tipos de estatística: as que indicam as chances de obter emprego e as que se referem à renda.

Os analistas, entretanto, mergulharam mais fundo, numa postura que dá confirmação científica a uma realidade que o Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE) já detectara ao longo de seus 41 anos de experiência com estágio de estudantes e que, mais recentemente, vem ganhando contornos mais nítidos no mercado de trabalho.

Aqui, novamente, nenhuma surpresa para os que defendem mais ação e menos palavras na área educacional, até como base de desenvolvimento e fator de inclusão social. O trabalho do CPS mostra que quem estuda mais tem ampliadas as possibilidades de conseguir uma ocupação e melhor remuneração. Para validar essa percepção, recomenda-se atentar para as dez últimas posições do Ranking de Retornos da Educação. Lá, de baixo para cima, aparecem em ordem as pessoas sem nenhuma escolaridade (16,5% da população, ou 27,6 milhões de pessoas) até o ensino médio completo (15,6 milhões de pessoas).

No momento da escolha de carreira, o jovem certamente sonhará em escapar das dez situações menos favoráveis e ingressar nas, digamos, vinte melhores. Qual o melhor caminho para essa ascensão? A resposta é a mesma, que vem sendo repetida quase à exaustão: estudar, estudar e estudar. O conhecimento é o mais seguro passaporte para que o jovem se transfira do grupo dos quase 150 milhões de brasileiros maiores de 15 anos que estão hoje no final do ranking de renda e empregabilidade, e passe a integrar - ou melhor, a ampliar - o hoje rarefeito contingente dos profissionais colocados no topo da lista e que ultrapassam em pouco a casa do um milhão de pessoas.

No entanto, a mesma experiência que levou o CIEE a detectar precocemente a real influência da educação nas perspectivas profissionais recomenda que o retorno profissional não deve ter peso predominante na hora de escolher a carreira. Esse é um quesito que tem seu valor, mas deve ser avaliado em conjunto com uma série de fatores, como habilidade para determinadas áreas e satisfação pessoal no exercício de determinadas atividades. Até porque, como a experiência também comprova, um dos objetivos de vida mais difíceis de alcançar (para não dizer quase impossível) é obter sucesso fazendo algo que se detesta.

Luiz Gonzaga Bertelli - Presidente executivo do CIEE e diretor da Fiesp